

# *Aspectos Históricos, Políticos e Culturais da Educação Brasileira*



*Marcelo Máximo Purificação  
Maria Teresa Ribeiro Pessoa  
Elisângela Maura Catarino  
(Organizadores)*



**Atena**  
Editora

Ano 2020

# *Aspectos Históricos, Políticos e Culturais da Educação Brasileira*



*Marcelo Máximo Purificação  
Maria Teresa Ribeiro Pessoa  
Elisângela Maura Catarino  
(Organizadores)*



**Atena**  
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo

**Edição de Arte:** Luiza Batista

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais. Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

#### **Editora Chefe**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira

#### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

#### **Conselho Editorial**

##### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

#### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará

Profª Drª. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

#### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional

Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ

Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## Aspectos históricos, políticos e culturais da educação brasileira

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Edição de Arte:** Luiza Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadores:** Marcelo Máximo Purificação  
Maria Teresa Ribeiro Pessoa  
Elisângela Maura Catarino

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
A838	<p>Aspectos históricos, políticos e culturais da educação brasileira 1 [recurso eletrônico] / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Maria Teresa Ribeiro Pessoa, Elisângela Maura Catarino. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-211-1 DOI 10.22533/at.ed.111202107</p> <p>1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Pessoa, Maria Teresa Ribeiro. III. Catarino, Elisângela Maura.</p> <p style="text-align: right;">CDD 379.981</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.



## APRESENTAÇÃO

É com imenso prazer que apresentamos a vocês caríssimos leitores a Coletânea “Aspectos Históricos, Políticos e Culturais da Educação Brasileira”, composta por 71 textos, oriundos de autores de vários lugares do Brasil, organizado em três volumes, que perpassam pela educação brasileira estabelecendo liames com artefatos da história, política e cultura do nosso povo.

Educar é um ato político e ao mesmo tempo cultural. Os aspectos históricos da educação brasileira nos mostram seu percurso, possibilitando-nos, conhecer sua conjuntura e estrutura. Nos dias que correm, cabe o questionamento: que educação atenderia a conjuntura atual marcada por diversidades e por identidades plurais?

Nessa ótica de pensamento, o volume 1 desta coletânea, traz, em dois eixos temáticos, a educação em diálogo com aspectos significativos da diversidade de políticas e de culturas que povoam os espaços educacionais, se materializando em 24 textos reflexivos por onde perpassam termos que servem de guias para importantes debates e discussões. Tais como: autonomia, democracia, saberes pedagógicos, educação popular, sistema, instrução, intervenção, inclusão, prática, reinserção, interdisciplinaridade, direito de escolha, formação de professores, entre outros.

Isto dito, desejamos a todos, uma boa leitura.

Marcelo Máximo Purificação  
Maria Teresa Ribeiro Pessoa  
Elisângela Maura Catarino

## SUMÁRIO

### EDUCAÇÃO BRASILEIRA EM FOCO - PARTE I

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA ESCOLAR E FERRAMENTAS DE PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR	
Lidnei Ventura Klalter Bez Fontana Roselaine Ripa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1112021071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
A CONTRIBUIÇÃO DE CHARBONNEAU À EDUCAÇÃO: PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE SABERES PEDAGÓGICOS NO BRASIL ENTRE 1959 A 1987	
Jefferson Felliipe Jahnke	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1112021072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>17</b>
A DEMOCRACIA E A ESCOLA EM UM CENÁRIO PANDÊMICO: A MATERIALIZAÇÃO DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS DIANTE DA COVID-19	
Renata Cecilia Estormovski Juliana Venzon	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1112021073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>28</b>
A EDUCAÇÃO POPULAR E O ENSINO DE HISTÓRIA: UM DIÁLOGO PEDAGÓGICO PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA	
Aline Praxedes de Araújo Aparecida Barbosa da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1112021074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>39</b>
A IMPLEMENTAÇÃO DO ENSINO À DISTÂNCIA, AOS MOLDES DO SISTEMA COLÉGIO MILITAR DO BRASIL, NA FRONTEIRA SUL-MATO-GROSSENSE	
Eduardo Freitas Gorga Elisa Pinheiro de Freitas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1112021075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>53</b>
A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ANÁLISE SOBRE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA EM UMA TURMA DO 6º ANO	
Rosimere dos Santos Nascimento Alves Hélio Rosa de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1112021076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>67</b>
A INSTRUÇÃO PRIMÁRIA NAS CADEIAS PARAENSES: ORIGENS E FUNCIONAMENTO (1871-1940)	
Cilicia Iris Sereni Ferreira Orlando Nobre Bezerra de Souza Ney Cristina Monteiro de Oliveira Raimundo Alberto de Figueiredo Damasceno	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1112021077</b>	

**CAPÍTULO 8 ..... 80**

A INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA EM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DA ORFANDADE E ADOÇÃO

Isabelle Cerqueira Sousa  
Ana Maria Fontenelle Catrib  
Sílvia Helena de Amorim Martins  
Patrícia do Carmo Lima  
Tallys Newton Fernandes de Matos  
Luiza Valeska Mesquita Martins  
Sarah Lorena Silva Macêdo

**DOI 10.22533/at.ed.1112021078**

**CAPÍTULO 9 ..... 92**

A INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO DENTRO E FORA DO AMBIENTE ESCOLAR

Lucio Araujo Fernandes

**DOI 10.22533/at.ed.1112021079**

**CAPÍTULO 10 ..... 104**

A PRÁTICA DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA E OS ESPAÇOS NÃO FORMAIS

Rodrigo Bastos Daude  
Carlos Augusto Cardoso de Jesus  
Gabrielle Correia Silva dos Santos  
João Pedro Marques Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.11120210710**

**CAPÍTULO 11 ..... 116**

A REINSERÇÃO DE JOVENS NO SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO: O PROJÓVEM URBANO NO HORIZONTE

Maria Aparecida de Queiroz  
Marcos Torres Carneiro

**DOI 10.22533/at.ed.11120210711**

**CAPÍTULO 12 ..... 127**

AQUISIÇÃO DA ESCRITA E APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: VALORIZANDO OS SABERES DA COMUNIDADE LOCAL

Jullyane Glaicy da Costa Ferreira

**DOI 10.22533/at.ed.11120210712**

**EDUCAÇÃO BRASILEIRA EM FOCO - PARTE II**

**CAPÍTULO 13 ..... 138**

AS CIÊNCIAS SOCIOLOGICA E HISTÓRICA: UMA RELAÇÃO DE INTERDISCIPLINARIDADE ESTRUTURAL

Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama

**DOI 10.22533/at.ed.11120210713**

**CAPÍTULO 14 ..... 148**

AS CONTRIBUIÇÕES DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NA PRÁTICA DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Thais Tamires Guimarães da Costa  
Francisca Celia Lima Paula  
José Ygor Ribeiro dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.11120210714**

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>158</b>
AS GINÁSTICAS E AS DIMENSÕES DO CONTEÚDO NO CONTEXTO ESCOLAR	
Kelly Silva Teixeira Thais Vinciprova Chiesse de Andrade	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11120210715</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>174</b>
AS INFLUÊNCIAS DA FILOSOFIA NA FORMAÇÃO DOCENTE	
Leonardo Mendes Bezerra Marinete Aparecida Martins Leo Victorino da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11120210716</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>182</b>
ASPECTOS HISTÓRICOS, POLÍTICOS E CULTURAIS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: SOBRE A UNIVERSIDADE, UM ESTUDO HISTÓRICO II	
Oscar Edgardo Navarro Escobar	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11120210717</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>194</b>
BALANÇO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA: UNIVERSALIZAÇÃO E DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR: UMA ANÁLISE DA APLICAÇÃO DAS POLÍTICAS AFIRMATIVAS NOS CURSOS DE DIREITO DA REGIÃO DO VALE DO JAURU E DE CÁCERES – MT NO PERÍODO DE 2009-2019	
André Luiz Picoli Herrera	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11120210718</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>203</b>
BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	
Lineise Auxiliadora Amarilio dos Santos Cláudia Araújo de Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11120210719</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>213</b>
CENTROS RURAIS DE INCLUSÃO DIGITAL E A FORMAÇÃO EM SERVIÇO: REFLEXÕES SOBRE/ A PARTIR DA METODOLOGIA SEQUÊNCIA FEDATHI	
Ana Carmen de Souza Santana Mirley Nádila Pimentel Rocha Roberta Cavalcante de França Lara Saldanha Meneses Nepomuceno	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11120210720</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>220</b>
INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA PRÁTICA AVALIATIVA DE UMA GESTÃO DA SALA DE AULA EM CÍRCULO DE CULTURA	
Rilva José Pereira Uchôa Cavalcanti Zelia Maria dos Santos Freitas José Santos Pereira Glória Maria Alves Machado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11120210721</b>	

<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>226</b>
CONTAR E OUVIR HISTÓRIAS: UM JEITO DIFERENTE DA CRIANÇA DESCOBRIR E COMPREENDER O MUNDO	
Maria Cristina Pinheiro da Silva	
Elaine Gaiva Leal	
Vanusa Aparecida Almeida	
Luiz Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11120210722</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>233</b>
CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS DAS PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES	
Lucimara da Cunha Santos	
Dafne Fonseca Alarcon	
Soeli Francisca Mazzini Monte Blanco	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11120210723</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>243</b>
DIREITO DE ESCOLHA? UM OLHAR SOBRE A SEDUÇÃO POLÍTICA DO NOVO ENSINO MÉDIO	
Erika Aparecida de Paula Silva Lima	
Bárbara Carine Soares Pinheiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11120210724</b>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....	<b>254</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>256</b>

## AS CIÊNCIAS SOCIOLOGICA E HISTÓRICA: UMA RELAÇÃO DE INTERDISCIPLINARIDADE ESTRUTURAL

*Data de aceite: 01/07/2020*

*Data de submissão: 29/05/2020*

**Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama**

Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC

Departamento de Filosofia e Ciências Humanas -  
DFCH

Ilhéus - Bahia

[http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/  
visualizacv.do?id=K4709733J4](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4709733J4)

**RESUMO:** O objetivo do ensaio é estimular a crítica sociológica e histórica, defendendo a tese que há uma relação de interdisciplinaridade estrutural entre a Sociologia e a História. Para fazer confluir essas abordagens científicas cunhamos o termo conhecimento socio-histórico. Com isso queremos afirmar que essas ciências não sobrevivem sem uma à outra, se o viés do pesquisador se pautar pela busca incessante da verdade numa perspectiva dialética processual, em que essa utopia não existe oculta, pronta ou acabada, mas devém, como razão de ser da ciência enquanto forma distintiva de conhecimento. Inicialmente envidamos esforços para elevar o termo “conhecimento socio-histórico” ao estatuto de conceito científico, como categoria analítica útil

para a análise do caminhar da humanidade e das transformações e manutenções societárias. Trata-se de uma discussão epistemológica no sentido de fundamentar o conceito precisando o seu significado, potencialidades e limitações. Em seguida resgatamos uma discussão cara à História e à Sociologia, que se refere ao conceito de estrutura social e sua dinâmica para a compreensão do desenvolvimento do processo socio-histórico, fazendo uso de autores consagrados ao nível nacional e internacional. Em conclusão reafirmamos como teses as assertivas que desenvolvemos ao longo do artigo, fornecendo pistas e fontes para a continuidade das investigações. Urge que, dentre outros, conceitos como formação social, modo de produção e bloco histórico tenham a sua discussão e compreensão resgatadas na atual conjuntura, pois são fundamentais para a continuidade do desenvolvimento e aplicação da ideia de estrutura social na busca de uma compreensão processual de uma lógica do processo socio-histórico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociologia; História; Interdisciplinaridade; Estrutura Social.

## SOCIOLOGICAL AND HISTORICAL SCIENCES: A STRUCTURAL INTERDISCIPLINARITY RELATIONSHIP

**ABSTRACT:** The objective of the essay is to stimulate sociological and historical criticism, defending the thesis that there is a structural interdisciplinary relationship between Sociology and History. To bring these scientific approaches together, we coined the term socio-historical knowledge. With this we want to affirm that these sciences cannot survive without each other, if the researcher's bias is guided by the incessant search for truth in a procedural dialectical perspective, in which this utopia does not exist hidden, ready or finished, but must, as a reason for being of science as a distinctive form of knowledge. Initially, we made efforts to raise the term "socio-historical knowledge" to the status of a scientific concept, as a useful analytical category for the analysis of humanity's progress and of societal transformations and maintenance. It is an epistemological discussion, in the sense of substantiating the concept, specifying its meaning, potentialities and limitations. Then we rescued a discussion dear to History and Sociology, which refers to the concept of social structure and its dynamics for the understanding of the socio-historical process, making use of renowned authors at national and international level. In conclusion, we reaffirm as theses the assertions that we developed throughout the article, providing clues and sources for the continuation of the investigations. It is urgent that, among others, concepts such as social formation, mode of production and historical block have their discussion and understanding recovered in the current conjuncture, as they are fundamental for the further development and application of the idea of social structure in the search for a procedural understanding of logic of the socio-historical process.

**KEYWORDS:** Sociology; History; Interdisciplinary; Social Structure.

### 1 | INTRODUÇÃO

O objetivo do ensaio é estimular a crítica sociológica e histórica, defendendo a tese que há uma relação de interdisciplinaridade estrutural entre a Sociologia e a História.

Para fazer confluir essas abordagens científicas cunhamos o termo conhecimento socio-histórico. Com isso queremos afirmar que essas ciências não sobrevivem sem uma à outra, se o viés do pesquisador se pautar pela busca incessante da verdade numa perspectiva dialética processual, em que essa utopia não existe oculta, pronta ou acabada, mas devém, como razão de ser da ciência enquanto forma distintiva de conhecimento.

Inicialmente envidaremos esforços para elevar o termo "conhecimento socio-histórico" ao estatuto de conceito científico, como categoria analítica útil à análise do caminhar da humanidade e das transformações e manutenções societárias. Trata-se de uma discussão epistemológica no sentido de fundamentar o conceito precisando o seu significado, potencialidades e limitações.

Em seguida resgatamos uma discussão cara à História e à Sociologia, que se refere ao conceito de estrutura social e sua dinâmica para a compreensão do desenvolvimento

e de uma lógica do processo socio-histórico, fazendo uso de autores historicamente consagrados ao nível nacional e internacional.

Em conclusão reafirmamos como teses as assertivas que desenvolvemos ao longo do artigo, fornecendo pistas e fontes para a continuidade das investigações.

## 2 | CONHECIMENTO SOCIO-HISTÓRICO

Homens e mulheres só se reconhecem enquanto seres culturais datados ao longo de uma existência, integrantes de comunidades, sociedades e civilizações que, no percurso do tempo histórico, adaptam-se e transformam a natureza, produzem cultura e manifestam o seu ver formativo de mundo. A todo o momento reproduzimos e construímos representações sociais da realidade que nos cerca, seja ela natural ou social. Até que ponto nossas concepções de ser humana, realidade, sociedade, Estado, família, educação, moral, ética, religião, igualdade, elites, classes sociais, sexualidade, etc., são frutas legítimas da cultura e da ciência ou distorções ideológicas (in) conscientes?

Ao nível do senso comum, do conhecimento rotineiro, fragmentado e pragmático que utilizamos a todo o momento para nos situarmos em realidade, tendemos a expressar nossa visão de mundo. Do outro, gênero, governo, da sociedade, alteridade, das etnias - dentre tantas caras questões - a partir do que dispusemos e reproduzimos, em geral via a família, escola, amigos, credos religiosos, mídia, internet, redes sociais, etc. A partir desse caldeirão de informações fragmentadas do social e das nossas condições de existência e vivência, em especial quanto ao caráter de nossa inserção no mundo do trabalho, organizam-se, cada um a seu modo, os dados que nos chegam pelas vias dos sentidos e construímos nossa opinião sobre eles.

A ciência histórica se distingue do conhecimento de senso comum – também denominado popular ou vulgar – pelo refinamento na maneira de coletar os dados documentais, organizá-los metodicamente e os interpretar com a contribuição de outras ciências sociais, como a Sociologia, Antropologia, Ciência Política, Economia e Geografia, assim como da Filosofia. Cada uma dessas áreas de saber tem o seu enfoque próprio, sendo que a História tem como o objeto de estudos que a demarca como um campo de conhecimento distintivo procurar compreender as transformações pelas quais passaram as sociedades ao longo do caminhar da humanidade no bioma Terra, isto é, ao longo do tempo - que não existe em si, como argumentou logicamente o filósofo Wittgenstein.

A dimensão filosófica do conhecimento científico das ações de homens e mulheres ao longo do tempo histórico reside no momento da interpretação dos fatos sociais pelo cientista. É o momento que, no uso das categorias analíticas, revela-se a perspectiva do pesquisador sobre o mundo; daí as diversas – e por muitas vezes, contraditórias – interpretações do passado, principalmente o recente. Diante desse problema epistemológico, em nome da pluralidade de paradigmas científicos legítimos de tentativa de captação da essência, o



conhecimento sócio-histórico enfatiza a postura, a perspectiva e um olhar interdisciplinar. Ao mesmo tempo em que se propõe a recortar a dimensão da totalidade do fenômeno, por isso mesmo se percebe como uma interpretação possível dos fatos sociais e dos processos históricos, em que, particularmente, procuramos desenvolver a partir de uma matriz sistêmica, dialética e fenomenológica.

Uma vez que a História trata do passado, para que estudá-la? Ela nos proporciona uma compreensão ou uma perspectiva de como era a vida de nossos antepassados e povos diferentes do nosso, : como eles se organizavam, produziam e pensavam. É através da investigação do passado que podemos nos municiar intelectualmente, capacitar-nos para uma compreensão científica do presente e da realidade social em que todos somos potencialmente atores. Daí o significado político das interpretações históricas e a possibilidade de manipulação ideológica, distorcida, da ciência. Em seu reverso, a possibilidade de vir a se constituir como vetor de transformação e/ou manutenção social, enquanto escolha pessoal consciente, crítica, cidadã, democrática, conservadora, liberal e/ou revolucionária.

A História estuda os fatos históricos como meros fenômenos independentes e desorganizados, ela nos incita a decifrar uma lógica, um processo perceptível onde os acontecimentos expressam a sempre tensão entre manutenção e mudança, continuidade e ruptura, sincronia e diacronia - surgimento, apogeu, transformação, queda e extinções de civilizações, culturas e modos de produção.

Numa perspectiva de tempo histórico de longa duração, a transformação é a essência da História. Nós mudamos constantemente e isto se concebe ao indivíduo e à sociedade. Nada permanece para sempre como está e ao longo do tempo se percebem as mudanças.

Eis por que se diz que o tempo, em uma perspectiva comparada, e, portanto, científica, é a dimensão da análise da História. O tempo histórico, através do qual se analisam os acontecimentos, não corresponde ao tempo cronológico em que vivemos e que é convencionalizado pelos relógios e calendários. No tempo histórico, enquanto categoria analítica, podemos perceber mudanças que parecem rápidas, como os acontecimentos cotidianos, por exemplo, uma manifestação de massas, cujo desenrolar se verificou na mídia. Vemos também transformações lentas, como no campo dos valores morais. O machismo, por exemplo, é um valor que impera na maior parte das sociedades que a História estuda. Porém, no Ocidente, há cerca de meio século, surge um questionamento mais constante desse fenômeno milenar que se dá, em grande parte, devido a uma participação maior da mulher no processo de produção e da revolução tecnológica, a pílula anticoncepcional, que a possibilitou ter um controle sobre o próprio corpo.

A caminhada que a humanidade faz explica muito sobre ela própria, por isso a entendemos com o conceito de processo histórico. Desde sua existência sobre a terra o *homo sapiens* está organizado em grupos e em relação com a natureza para extrair desta o necessário a sua sobrevivência e a da espécie, construindo a sua identidade cultural

e a percepção do outro, e, pouco a pouco, a de povos e culturas. Dessa interação, com a natureza e com os outros, acontecem os fatos sociais que, no sentido de Durkheim, constituem-se nos próprios objetos de estudos da Sociologia, assim como os mitos, vestígios, registros dos fenômenos objetos de estudos da História.

Não há uma linha constante e progressiva de desenvolvimento na história da humanidade. Temos, ao mesmo tempo, hoje em dia, sociedades com formas de vida social tecnologicamente primitiva, consideradas ainda no chamado período pré-histórico, como comunidades na Amazônia ainda não contatadas pelos “civilizados”, e sociedades com graus de desenvolvimento técnico que permitem explorações interplanetárias e capacidade bélica para extinguir a espécie humana. Não se percebe ainda como exemplo, uma linha constante e progressiva da passagem, a partir da Antiguidade, do trabalho escravo ao trabalho assalariado: a escravidão quase desaparecera na Europa Ocidental, durante a Idade Média, para reaparecer nas Américas – impostas pelos europeus na Idade Moderna do pré-capitalismo da acumulação primitiva – como forma de exploração máxima do trabalho alheio. Não se deve, portanto, identificar a ideia de processo histórico com uma ideia de progresso necessário, no sentido positivista comteano.

Afirmar que o processo histórico possui uma lógica a ser revelada pela interdisciplinaridade das ciências humanas e sociais, não significa dizer que ele obedece a um desenvolvimento linear: não é uma linha reta com tendência constante; incluem idas e vindas, desvios, avanços e recuos, inversões, etc. Há mesmo transformações que podem ser vistas como rupturas, pois alteram toda uma forma de viver em sociedade. É, porém, uma ruptura que foi lentamente preparada, que está sempre ligada com algo que já existia, pois é inadmissível historicamente o surgimento de uma situação nova sem ligação com as anteriores, sem um embrião, sem ter sido, de alguma forma, germinada. Para Karl Marx, há a necessidade da convergência de condições objetivas materiais de existência, contradições socioeconômicas, e condições subjetivas, compreensão das relações sociais de produção e exploração, que conduzam atores e classes sociais à transformação da infraestrutura econômica e superestrutura ideológica da sociedade.

As alterações no processo histórico são decorrentes da ação e/ou omissão dos próprios homens, os sujeitos e/ou objetos da história. São os homens, constituídos em sociedade, que (in) conscientemente atuam para que as coisas se passem de uma ou de outra maneira, para que tomem um rumo ou outro.

É preciso conhecer o presente e, em História, nós o fazemos a partir de um olhar sobre o passado – remoto ou bem próximo – levantando indagações, perguntas que nos interessam para avaliar as suas significações e sua relação conosco. O passado nos interessa pela sua permanência no mundo atual.

A ligação da história com o futuro, porém, é mais sutil: não se pode falar em uma história do futuro. Qualquer colocação nesse sentido é mera especulação. “A história não se repete”, já afirmava o fundador do materialismo histórico e do materialismo dialético,

no século XIX, Karl Marx, pensador ainda hoje reconhecido como o primeiro e um dos três grandes autores clássicos da Sociologia. Pode-se falar em tendências, probabilidades, possibilidades históricas, construções de cenários, mas não mais do que isso. Fazê-lo seria impor um esquema prefixado de como as coisas se devem passar, o que é impossível no âmbito da ciência reconhecida, pois seria mera ficção, um exercício de futurologia. A partir de um diagnóstico do presente, as análises da conjuntura social e histórica podem ser vitais para direcionar a práxis social, delinear ações futuras, não mais do que isso. Mas isto, em si, é extremamente importante, estratégico, em seu significado (geo) político, pois conhecimento – das tendências socio-históricas – é poder.

Ao explicar as transformações resultantes das ações dos homens, a História leva a perceber que a situação de hoje é diferente da de ontem e procura esclarecer os “como” e os “porquês” disso. Para os que não sabem das alterações passadas, a realidade em que vivem pode parecer “natural”, teocrática, “eterna” ou “imutável”, e como tal justificada. Isto leva a uma atitude passiva, à conformação, atitudes de resignação, uma percepção do mundo e da vida como predestinados. Ao contrário, o conhecimento das alterações passadas e a compreensão das condições das mesmas, podem levar o cidadão e a cidadã de hoje à condição de atores, sujeitos históricos com novas cosmovisões, posturas, à atuação concreta em busca de outras mudanças, sejam no plano pessoal ou no coletivo.

A missão e o sentido da ênfase em um enfoque sócio-histórico do conhecimento são propiciar o desenvolvimento de uma percepção crítica, científica, do papel do indivíduo enquanto ator social e sujeito ativo do processo. Contribuir substantivamente para a construção de laços de identidade, consolidar a cidadania e fazer avançar a radicalização da democracia. O posicionamento diante de fatos presentes ganha argumentos e embasamento científico a partir da interpretação de suas relações com o passado.

Refletir sociologicamente sobre a história de nosso povo e de nosso mundo possibilita nos tornarmos mais conscientes de nós mesmos e a formularmos, cada um a sua maneira, respostas às questões existenciais que inquietam a consciência e o imaginário coletivo da humanidade há milhares e milhares de anos: quem somos de onde viemos e para onde vamos?

### **3 | CONHECIMENTO SOCIO-HISTÓRICO E ESTRUTURA SOCIAL**

Desde a Grécia antiga, com Heródoto (484-425 a.C), considerado o pai da História, registros de batalhas, guerras, fatos, heróis, acontecimentos, culturas e credos têm sido o *métier* de historiadores. O positivismo, a partir do século XIX da era cristã, afirmou essa perspectiva fragmentando o social, ainda que com nuances filosóficas e sociológicas, mas revelando uma fé cega, uma crença ilimitada na ideia de uma evolução linear societária como significando necessariamente progresso, dado o advento do industrialismo. O

conhecimento socio-histórico, entretanto, parte da premissa que a ideia de estrutura social é fundamental, do ponto de vista epistemológico, para uma compreensão mais profunda e complexa do processo social e histórico, em busca da lógica de seu desenvolvimento, constituindo-se em um avanço científico sobre as perspectivas historiográficas meramente episódicas e personalizadas, ou rigidamente datadas, fragmentadas, lineares, ingênuas e/ou ideológicas.

Eric Hobsbawm assinala que a história da sociedade é história, ou seja, o tempo cronológico é uma de suas dimensões. Além de nos interessar nas estruturas e seus mecanismos de continuidade, mudança e formas de transformação, também nos concerne o que sucedeu de “fato”. Em outras palavras, a história da sociedade é, entre outras coisas, a história de determinadas unidades de pessoas que vivem juntas e são definíveis em termos sociológicos. Esta definição de “sociedade” apresenta duas dificuldades, segundo esse historiador inglês: a dimensão, complexidade e alcance dessas unidades variam, por exemplo, segundo os diferentes períodos históricos ou segundo as diferenças nas etapas de desenvolvimento. O que chamamos sociedade não é mais que um dos vários conjuntos de inter-relações humanas segundo as quais pessoas são classificadas ou classificam as mesmas. Desta forma,

A história das sociedades requer a utilização, se não de um modelo formal e elaborado dessas estruturas, pelo menos uma ordem aproximada de prioridades de investigação e uma hipótese de trabalho sobre o que constitui a relação central ou o complexo de relações de nosso trabalho (ainda que claro seja que isto implica a existência de um modelo)<sup>1</sup>. (HOBBSAWN, 1971, pp. 77-78)

Para Fernand Braudel a história tradicional, atenta ao breve tempo, ao indivíduo e ao acontecimento, habituou-se desde há muito à sua narração precipitada, dramática, de pouco fôlego. Em princípio do século XX uma dúvida se eleva no meio acadêmico contra uma história que se restringia aos acontecimentos singulares, contra uma história “linear” dos acontecimentos – “episódica”. Ultrapassar os acontecimentos equivalia há ultrapassar o tempo breve que o contém, o da crônica ou do jornalismo. Equivalia também a perguntar se mais para além dos acontecimentos não existe uma história, inconsciente desta vez – ou melhor, mais ou menos consciente – que, em grande parte, escapa à lucidez dos atores, dos responsáveis ou das vítimas: “fazem a história, mas a história arrasta-os”, pois,

Se a história, omnipresente determina o social na sua totalidade, fá-lo sempre a partir desse mesmo movimento do tempo que, incessantemente, arrasta a vida mas a subtrai a si própria, que apaga e atíça novamente o fogo. A história é uma dialética da duração; por ela, graças a ela, é o estudo do social, do todo social e, portanto, do passado; e por isso também do presente, ambos inseparáveis. (BRAUDEL, 1976, p.121)

Assim o pesquisador do tempo presente, prossegue Braudel, só alcança as “finas” tramas das estruturas sob a condição de reconstruí-las teoricamente, antecipar hipóteses e explicações, rejeitar o real tal e como é percebido, truncá-lo, superá-lo. Operações que

<sup>1</sup> Tradução nossa.

permitem escapar aos dados para os dominar melhor, mas que, sem exceção, constituem-se em reconstruções.

Ciro Cardoso e Hector Peres Brignolli assinalam que as mudanças da concepção da história levaram à superação do acontecimento, a alcançar (além deste) as flutuações conjunturais de duração variável e, afinal, o próprio nível das estruturas, que mudam muito lentamente (CARDOSO; BRIGNOLLI, 1979). Identificam Fernand Braudel, principal expoente da corrente historiográfica História Social, como o historiador que soube perceber e sintetizar as implicações de tal evolução quanto ao problema – essencial para o pesquisador – do tempo, da duração, ao distinguir três níveis: o dos acontecimentos, da história episódica, que se move em curto prazo; o intermediário, da história conjuntural, de ritmos mais lentos embora muito variáveis; e, por fim, o nível profundo da história estrutural de maior duração. As estruturas “no limite do móvel e do imóvel” são no movimento histórico “a um tempo sustentáculos e obstáculos da história”, como afirma Albert Souboul:

Antes de qualquer outra observação, é necessário definir aqui o que é uma estrutura social: um conjunto orgânico de relações e de coerências, simultaneamente econômicas, sociais e psicológicas, “que o tempo mal enfraquece e transmite muito lentamente”, segundo a expressão de Fernand Braudel [*BRAUDEL 1958: Histoire et sciences sociales: la longue durée. Annales, Économies, Sociétés, Civilisations, p.725.*], e que é necessário estudar não somente de um ponto de vista estático, mas talvez ainda na sua dinâmica. Só há estrutura global onde todos os aspectos qualitativos e quantitativos estão estreitamente ligados. (SOBOUL, 1975, p. 32)

O conhecimento socio-histórico, sem deixar de se preocupar prioritariamente com a mudança, o movimento, se fez consciente, também, das persistências, sobrevivências, resistências à mudança. Ao mesmo tempo historiadores se deram conta que os vários níveis estruturais apresentam ritmos de desenvolvimento diversos, devido à existência de defasagens no seio da estrutura global: as estruturas econômicas mudam mais rapidamente do que as sociais e as estruturas mentais mais lentamente do que as demais.

O conceito de estrutura, em história econômica e geral, surge vinculado ao fato de os historiadores tomarem consciência de que o estudo da evolução das sociedades demonstra a existência de certos setores e elementos da realidade social, caracterizados por uma estabilidade e uma permanência relativas e extremamente variáveis. Mas, estrutura e movimento - ou conjuntura - são conceitos estreitamente vinculados. As diferentes configurações estruturais pressupõem conjunturas diferenciadas, características dos distintos sistemas; e o efeito cumulativo das variações conjunturais pode produzir mudanças estruturais, quer dizer, pode conduzir a novos estados de equilíbrio relativos qualitativamente diferentes. (CARDOSO; BRIGNOLLI, 1979, p. 95)

Dessa forma estrutura e movimento são inseparáveis, diferentemente do paradigma do estruturalismo antropológico, dado que:

[...] a história não admite “invariâncias” mais que relativas, instáveis e transitórias; a visão da mudança que tem o historiador baseia-se no autodinamismo das estruturas. O mecanismo dinâmico-estrutural é intenso e não-externo (encontros ou choques de estruturas) como pensa a antropologia estrutural, devido à separação arbitrária e radical que faz entre o ‘sincrônico’ e o ‘diacrônico’, que na realidade não passa de

modos necessariamente complementares de perceber o processo histórico em sua diversidade e unidade, pois não há estrutura independente de um processo de evolução, e a percepção do fluxo incessante da história inclui, ao mesmo tempo, a consideração das permanências, das resistências à mudanças, das sobrevivências. O tomar em consideração estruturas discretas, fatores descontínuos, não impede que, a nível mais elevado, seja restabelecida a continuidade fundamental do processo histórico, ou “o contínuo no descontínuo”. (CARDOSO; BRIGNOLLI, 1979, p. 97).

Segundo Hobsbawn, por um “acordo tácito” diversos historiadores, de diferentes tendências, parecem trabalhar, com ligeiras variantes, a partir da construção de um modelo deste tipo. Ou seja, começam a análise pelo meio ambiente material e histórico e prosseguem com as forças e técnicas de produção (a demografia vai entre os dois), com a estrutura econômica (divisão de trabalho, intercâmbio, acumulação, distribuição de excedente, etc.), e com as relações sociais que isto implica. Continuando-se vêm as instituições e a imagem da sociedade e seu funcionamento implicados. Assim se estabelece a configuração da estrutura social. Hobsbawn destaca que a inclinação predominante era a de considerar os movimentos econômicos (em seu sentido mais amplo) como a espinha dorsal de tal análise:

A sociedade está exposta a um processo de mudança e transformação histórica, e as tensões que este sofre permitem ao historiador perceber claramente várias coisas, como: 1) o mecanismo geral por meio do qual as estruturas da sociedade tendem simultaneamente a perder e restabelecer seus equilíbrios; e 2) os fenômenos que são tradicionalmente de interesse para os historiadores sociais, por exemplo, a consciência coletiva, os movimentos sociais, a dimensão social das mudanças intelectuais e culturais, etc.<sup>2</sup> (HOBSBAWN, 1971, p. 79).

**Albert Soboul, por seu turno, vai mais longe:**

Em última análise, tratando-se do estudo das estruturas sociais, o critério mais seguro e mais válido não seria o das relações entre classes sociais? Refere-se ao elemento mais permanente e mais profundo da atividade humana; o trabalho e a produção. Explica a totalidade de uma formação social e a sua relatividade espacial e temporal, estando ele próprio ligado à evolução das forças produtivas (isto é, ao mesmo tempo ao número dos homens, aos recursos postos em exploração e às técnicas que presidem a esta exploração). Determina em parte, mas segundo outro ritmo, a evolução das ideias “Em relação à economia está atrasado o social”, escreve Ernest Labrousse, “e em relação ao social, o mental” [LABROUSE, E: *Prefácio à tese de George Dupex*]. (SOBOUL, 1975, p.38)

No entanto, em nome do rigor teórico-metodológico, não há como estudar as relações entre as classes sociais sem uma análise detida do modo de produção em que se inserem, pois os indivíduos vão se configurar como pertencendo ou não a uma classe social fundamental a partir da compreensão das relações sociais de produção que moldam um determinado bloco histórico.

---

2 Tradução nossa.

## 4 | CONCLUSÃO

Temos a pretensão de termos atingido o objetivo de nosso ensaio, que foi tão somente estimular a crítica sociológica e histórica, defendendo a tese de uma relação de interdisciplinaridade estrutural entre a Sociologia e a História.

Acreditamos que um enfoque socio-histórico, como aqui delineado, contribui nesse sentido. No entanto, há a necessidade de uma *mea culpa*.

Urge que, dentre outros, conceitos como formação social (MORAGA, 1977), modo de produção (GAMA, 2013) e bloco histórico (PORTELLI, 1977) tenham a sua discussão e compreensão resgatadas na atual conjuntura, pois são fundamentais para a continuidade do desenvolvimento e aplicação da ideia de estrutura social na busca de uma compreensão processual de uma lógica do processo socio-histórico.

Tarefa que um sociólogo sexagenário atribui às novas gerações de historiadores e cientistas sociais.

## REFERÊNCIAS

BRAUDEL, F. **História e Ciências Sociais**. Lisboa: Presença, 1976.

CARDOSO, C; BRIGNOLLI, H. P. Os Métodos da História. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GAMA, H. F. L. N. da. Conhecimento sócio-histórico e o conceito de modo de produção. Contra a Corrente – Revista Marxista de Teoria, Política e História Contemporânea, Ano 5, N. 9. Brasília, Centelha Cultural – CEPESB: Centro de Estudos e Pesquisas Sociais de Brasília, junho / 2013.

HOBBSBAWN, E. J. De la historia social a la historia de la sociedade. **Daedalus – Journal of the American Academy of Arts and Science**, vol. 97, nº 1, pp. 61-94, 1971.

MORAGA, E. G. **O Estado nas Sociedades Dependentes: O caso da América Latina**. Lisboa: Editorial Presença, 1977.

PORTELLI, H. **Gramsci e o Bloco Histórico**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

SOBOUL, A. Descrição e medida em história social. In: SOBOUL et al. **A História Social: Problemas, fontes e métodos**. Lisboa: Cosmos, 1975.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adoção 51, 80, 81, 82, 83, 87, 88, 90, 91, 98, 109, 194, 201, 203, 204

Análise de Conteúdo 174, 180

Aprendizagem Significativa 127, 130, 136, 137, 148, 149, 151, 152, 156, 157

Aquisição da Escrita 127

Autonomia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 24, 28, 30, 37, 42, 43, 49, 64, 95, 120, 164, 172, 180, 181, 187, 188, 189, 219, 235, 244, 245, 249, 250, 252

### B

BNCC 3, 28, 29, 33, 36, 62, 127, 128, 130, 165, 166, 168, 169, 171, 247

Brasil Colônia 70, 182

### C

Círculo de Cultura 220, 221, 222, 223, 224, 225

Conselho Deliberativo 1, 2, 6, 8, 9

Cotas 194, 197, 198, 199, 200, 201, 202

Cultura Popular 30, 31, 127, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137

### D

Democracia 5, 7, 8, 11, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 143, 180, 189, 192, 242, 251, 253

### E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 58, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 77, 78, 79, 89, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 136, 137, 140, 150, 151, 152, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 168, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 216, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 231, 232, 233, 234, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255

Educação à Distância 39, 100

Educação Básica 3, 4, 18, 25, 42, 47, 62, 65, 67, 68, 93, 95, 96, 105, 127, 128, 129, 130, 132, 136, 137, 168, 169, 171, 172, 180, 203, 224, 238, 244, 245, 247, 250

Educação Física 77, 158, 159, 160, 162, 164, 171, 172, 173

Educação Popular 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 37, 38



Educação Prisional 67

Educação Superior 51, 53, 93, 95, 96, 182, 187, 188, 192, 194, 195, 201, 220, 221, 223, 242

Ensino Fundamental 24, 38, 41, 43, 44, 53, 55, 56, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 94, 95, 96, 97, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 125, 130, 137, 148, 149, 157, 169, 189

Ensino Médio 24, 25, 28, 31, 33, 36, 38, 39, 41, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 54, 65, 94, 95, 96, 97, 121, 169, 178, 199, 201, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253

## F

Formação Docente 155, 174, 176, 178, 180, 219, 254

Formação em Serviço 213, 214, 215, 216, 218

Fronteira 39, 40, 41, 43, 44, 45, 48, 50, 51, 203, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 235, 236

## G

Gestão da Sala de Aula 220, 221, 223

Gestão Democrática 1, 5, 7, 8, 9, 10, 24, 26, 27

Ginásticas 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 167

## H

História 2, 7, 8, 12, 13, 15, 16, 22, 23, 28, 31, 34, 35, 36, 38, 48, 57, 67, 68, 79, 81, 84, 90, 111, 112, 113, 114, 126, 132, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 166, 170, 175, 177, 180, 182, 183, 187, 190, 191, 192, 193, 219, 226, 227, 228, 229, 230, 232, 235, 238, 243, 244, 252

história da educação 2, 7, 8, 13

História da educação 15, 67, 68, 193

História da Educação 12, 38, 180, 193

## I

Igreja Católica 12

Inclusão 116, 117, 119, 121, 122, 125, 126, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 205, 209, 212, 213, 214, 215, 216, 236, 255

Inclusão Digital 213, 214, 215, 216

Interdisciplinaridade 29, 138, 139, 142, 147, 224, 225, 234, 235, 236, 237, 241, 242

## L

Letramento 53, 54, 55, 58, 61, 65, 66, 127, 129, 130, 131, 211

## M

Mapas Conceituais 148, 151

## **O**

Orfandade 80, 81, 82, 91

## **P**

Paulo Freire 5, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 38, 107, 158, 159, 193, 222, 224, 225

Políticas Afirmativas 194, 196, 197, 198, 199, 200, 202

Políticas Educacionais 2, 3, 17, 19, 24, 61, 113, 120, 182, 224, 244, 254

Psicopedagogia 80, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 101, 103

## **R**

Reinserção 116, 117, 118, 119, 121, 125

Residência Pedagógica 148, 149, 151, 156

## **S**

Sociologia 48, 138, 139, 140, 142, 143, 147, 166, 181, 235

## **V**

Violência no Trânsito 92, 94, 99, 101

# *Aspectos Históricos, Políticos e Culturais da Educação Brasileira*



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)



[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# *Aspectos Históricos, Políticos e Culturais da Educação Brasileira*



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)



[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)